

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Escola e a formação de jogadores para mercado do futebol.

Antonio Jorge Gonçalves Soares – Ufrj / Ugf, Tiago Lisboa Bartholo – Ufrj y Leonardo Bernardes Silva De Melo.

Cita:

Antonio Jorge Gonçalves Soares – Ufrj / Ugf, Tiago Lisboa Bartholo – Ufrj y Leonardo Bernardes Silva De Melo (2009). *Escola e a formação de jogadores para mercado do futebol. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1902>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Escola e a formação de jogadores para mercado do futebol

ANTONIO JORGE GONÇALVES SOARES – UFRJ / UGF
AJSOARES@GLOBO.COM

TIAGO LISBOA BARTHOLO – UFRJ
TBARTHOLO81@HOTMAIL.COM

LEONARDO BERNARDES SILVA DE MELO
LEONARDO.MELO@GLOBO.COM

Introdução

Os estudos sobre os processos de detecção e treinamento de talentos no futebol indicam que o mercado desse esporte tem como suporte um novo tipo de agência de formação profissional que recruta jovens adolescentes, em geral, pertencentes às camadas populares (RIAL, 2006; DAMO, 2005; PAOLI, 2007). Esses jovens investem um tempo significativo de suas vidas nessa carreira e possuem como horizonte um mercado altamente competitivo, com poucos postos de trabalho valorizados economicamente. Observemos que para os malsucedidos há dificuldades na reconversão do capital acumulado – conhecimentos sobre o esporte e aprendizagens corporais – em capital econômico no exercício de outras ocupações profissionais (SOUZA et al, 2008).

A formação no futebol pode se iniciar a partir dos 12 anos de idade, muitas das vezes em regime de albergamento, e tem uma duração de aproximadamente 5.000 horas de trabalho voltado para o domínio de técnicas corporais e psicológicas para a prática esportiva (DAMO, 2005). Essa carreira exige dedicação integral e extenuante trabalho corporal para aqueles que pretendem entrar nesse afunilado mercado. Todavia, é nesse mesmo período da vida que a educação básica, em tese, exige do jovem dedicação na incorporação de capital cultural para que possa ser uma das chaves de acesso ao mercado de trabalho.

Observemos que essa agência de formação profissional de jovens para o futebol tem operado no Brasil e em outros países sem nenhuma orientação de política governamental. O problema que se instala é o seguinte: se não temos dados sistemáticos sobre esse tipo de formação profissional, também desconhecemos os efeitos que ele acarreta na vida escolar dos aspirantes a jogadores de futebol. O objetivo deste texto é problematizar a relação entre a profissionalização no futebol, a escolarização e o mercado desse esporte.

Futebol e mercado

O processo de transferência e negociação de jogadores entre os principais formadores de futebolistas da América Latina e a Europa ocorreu durante boa parte do século XX. Todavia, esse processo intensificou-se no último quartel do século anterior e, nos últimos anos, o fluxo migratório aumentou, configurando uma verdadeira indústria de exportação de serviços. A crescente demanda de transferências de jogadores brasileiros para o exterior é produto de vários fatores, a saber: baixo potencial de empregabilidade do mercado interno; interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros; cálculos de custo e benefício na importação desses serviços especializados; a formação de um corpo de empresários ávidos de realizar negócios nos diferentes países, credenciados ou não pela FIFA; e o *mecanismo de solidariedade* criado pela FIFA, no ano de 2001¹.

A criação da Lei Pelé e o caso Bosman na Europa instituem novas regras para as transações comerciais dos jogadores. O argumento romântico que afirma que os jogadores no passado tinham

¹ O mecanismo de solidariedade estimula a formação de mão de obra para o mercado profissional. A nova legislação recompensa financeiramente todos os clubes formadores por onde o atleta passou dos 12 aos 23 anos com 5% do valor bruto das transações (0,25% da transferência por cada ano de formação entre os 12 e os 15 anos; 0,5% por cada ano dos 16 aos 23). Notemos que esse mecanismo estimula a continuidade do sistema atual, pois, em alguma medida, distribui os ganhos com a venda do atleta. Todos ganham: jogador, empresários, clube formador, grandes clubes importadores que continuam a captar talentos descobertos em diversos países.

“amor à camisa” ou ficavam anos no mesmo clube por “amor” deve ser analisado a partir das novas regras e demandas do mercado (Pearton, 2000; Magge e Sugden, 2002).

O fluxo de jogadores para o exterior e a centralidade financeira do futebol europeu, captando jogadores dos diferentes países, têm sido temas de algumas análises no Brasil (ALCANTARA, 2006; LEONCINI; SILVA, 2005). Em geral, as análises apontam para: 1) o problema da administração amadora e patrimonialista dos clubes brasileiros; 2) a nova relação de trabalho entre clubes e jogadores com a promulgação da Lei Pelé²; 3) a centralidade da figura do empresário e do agente³ nessa nova configuração de mercado; 4) a limitação de postos de trabalho para jogadores no mercado brasileiro; 5) a formação de uma “indústria” de formação de jogadores; e 6) os baixos salários em termos médios no mercado brasileiro. Como os três primeiros itens já foram exaustivamente analisados pelos autores supracitados, nos concentraremos nos três últimos.

Note-se que as negociações de jogadores de futebol para o exterior reforçaram as estatísticas das exportações:

O negócio futebol tem peso considerável na exportação brasileira. As vendas de jogadores estão entre os serviços exportados pelo país que apresentou aumento de 34% em 2005 (cerca de US\$ 6 bilhões). Esse grupo de serviços representa 40% das exportações brasileiras (toda a exportação brasileira de serviços gerou US\$ 16 bilhões em 2005). (ALCANTARA, 2006, p. 299).

Esses dados constam das operações registradas no Banco Central (BC), dentro da rubrica de serviços empresariais, profissionais e outros técnicos. O fenômeno de imigração de jogadores aponta para um alto grau de conectividade e integração no mercado global do futebol, mas há-de se destacar que esse fenômeno faz parte de um movimento mais amplo do processo migratório e econômico entre os países pobres e os ricos a partir dos anos de 1980 (COGO, 2002; BAENINGER, 2003; FUSCO, 2006).

² Mudanças foram introduzidas pela lei 9.981/00, pela medida provisória n. 2.141/01 e, por último, pela lei n. 10.672/03. Tais mudanças tentaram atenuar os efeitos produzidos pela Lei Pelé. Desde o caso Bosman, na década de 1990, julgado na Corte do tribunal da Comunidade Européia, a figura jurídica do “passe” passou a ter seus dias contados.

³ A FIFA promove Cursos para Agentes de Futebol por meio de suas afiliadas. No Brasil temos mais ou menos 279 agentes credenciados. Observe-se que nos últimos dois anos ocorreu um aumento de mais de 100% do número de agentes FIFA no Brasil. Ver regulamento para tornar-se agente em www.fifa.com

Esse cenário criou um tipo específico de produção de jogadores que visa prioritariamente o mercado exterior. Durante o período de 2002 a 2007 emigraram para o exterior 5.117 jogadores brasileiros. Desse montante, o continente europeu foi o que recebeu mais futebolistas: 2.945 representam 57,55% de todas as transferências realizadas para o exterior.

Mercado e escolarização

O mercado para jogadores no Brasil, apesar de os dados não serem precisos, está estimado entre 10 a 15 mil postos de trabalho. Parte desses postos são empregos sazonais e bastante precários.

“Existem no Brasil em torno de 500 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA (agência internacional que detém o monopólio do futebol de espetáculo)” (DAMO, 2005 p. 16).

Poder-se-ia pensar que esse número é expressivo em se tratando dos postos principais de trabalho nessa indústria do espetáculo, mas algumas ressalvas devem ser feitas.

Dos 500 clubes credenciados apenas 4%, isto é, 20 clubes, detêm 90% da preferência dos torcedores (DAMO, 2005). Isso indica que o potencial de exploração do produto que os clubes podem vender junto ao público consumidor (torcedores) é desigual e acarreta uma redução significativa dos postos de trabalho bem remunerados. Se calcularmos que uma equipe possui em média 26 jogadores na equipe principal, teríamos, teoricamente, mais ou menos 520 postos de trabalho na parte mais valorizada do mercado, isto é, considerando os 20 principais clubes no Brasil que disputam o campeonato nacional da primeira divisão.

Os salários de jogadores no Brasil são baixos se considerarmos os sonhos de mobilidade social e econômica dos jovens, em sua maioria oriundos das camadas populares. A pirâmide salarial dos jogadores profissionais no Brasil não mudou muito nos últimos oito anos. Os dados divulgados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1999 indicavam que 51,6% dos jogadores recebiam até um salário mínimo e 33,2% até dois; se somados esses percentuais podemos pensar que 84,8% dos jogadores recebiam salários que variam entre 160 a 320 dólares mensais pelos valores atuais; acima de dez salários mínimos apenas 5,2% (PRONI, 2000).

Os dados anteriores indicam que a pirâmide salarial do futebol brasileiro está longe de ser o oásis da riqueza ou da mobilidade econômica tão sonhada pelos jovens brasileiros. Contudo, esses dados, apesar de divulgados na mídia, parecem não desestimular a busca pela profissionalização no futebol.

O destino da maioria dos jovens brasileiros que tentam a carreira de jogador não seria diferente fora do futebol, pois a origem da maioria deles e a escolarização de seus pais, em termos de probabilidade, determinariam sua permanência nos locais inferiores da estratificação social (BOURDIEU, 1998; SCHWARTZMAN, 2004, 2006). A escola está longe de ser o caminho da ascensão social para a maioria daqueles que completam o ensino fundamental (SEGNINI, 2000). Além disso, quando jovens das camadas populares passam a receber salários para jogar futebol, ainda que os valores sejam semelhantes aos dos seus pais, isso pode representar uma espécie de mobilidade e prestígio social se comparado às ocupações mal remuneradas e pouco valorizadas dos seus responsáveis.

Formação e escolarização

Os jovens que se alistam para disputar uma vaga nesse mercado possuem, em geral, baixo capital cultural e são a “matéria-prima” necessária para montagem de uma “linha de produção de jogadores” no Brasil. De fato, as poucas oportunidades de ascensão social, somadas à precariedade da escola pública brasileira⁴ e do mercado de trabalho para as novas gerações, transformam o futebol profissional em projeto familiar para aqueles que possuem um menino hábil com a bola nos pés.

O futebol tornou-se uma ocupação remunerada para os filhos das camadas populares garantirem nessa fase da vida alimentação, escola, prestígio social no local de origem e algum rendimento, que tanto pode garantir seus gastos pessoais⁵ quanto servir como complemento de renda familiar. Damo (2005) descreve que a política do Internacional Futebol Clube (Porto Alegre) fixa um teto de ajuda de custo para os meninos das diferentes categorias de base: “aproximadamente 200 dólares para os meninos do Infantil, mas são raros os que dispõem desse montante como ajuda de custo; 300 para o juvenil e 400 dólares para os juniores” (p. 269); mas existiriam exceções entre os jogadores com maior “potencial” de tornarem-se atletas de destaque.

⁴ Dados sobre a precariedade do ensino público no Brasil podem ser esclarecedores do quadro que estamos descrevendo. A repetência de alunos é de 20,6%, a maior da América Latina. A formação dos professores no ensino básico é insuficiente. Dos professores de 1ª a 4ª série apenas 47% têm diploma universitário; desses, apenas 43% têm diploma em licenciatura. De cada 100 crianças matriculadas na primeira série do ensino fundamental 88,6% chegam à 4ª série, 57,1% à 8ª série e 36,6% ao 3º ano do ensino médio. No gasto médio por aluno no Brasil – país com a economia mais diversificada e potente do continente –, fica atrás de seus vizinhos Argentina, Uruguai, Chile e Colômbia. Ver “Escola Brasil” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jul. 2006).

⁵ Schwartzman (2006) demonstra que a maioria dos trabalhadores infantis utiliza seus rendimentos com gastos pessoais.

Fernandes (2006) descreveu a trajetória de vida de Mário⁶, hoje jogador profissional no Brasil, que com apenas oito anos já treinava futebol semanalmente, durante um número de horas semelhante ao que passava na escola básica. Naquela época o clube em que jogava disponibilizava um táxi para pegá-lo em casa ou na escola para ir ao treino. Além do transporte, o clube pagava aos jogadores a mensalidade da escola e no caso específico de Mário o valor era revertido em “ajuda de custo”⁷, já que ele estudava em escola pública.

No Brasil, os jovens começam o albergamento nos CTs, dependendo da situação do momento em que foram revelados como talento, a partir dos 11 ou 12 anos de idade, isto é, passam a residir separados de suas famílias e, se forem sendo aproveitados nas categorias subseqüentes, podem viver nessa condição até a profissionalização. Os jogadores da categoria sub-15 treinam uma vez por dia, num dos turnos, e estudam no outro; a partir da sub-16 treinam de manhã e à tarde e estudam no ensino noturno. O regime de treinamento desses jovens aspirantes a profissionais de futebol em pouco difere da carga de treinamentos das equipes da primeira divisão.

Embora os clubes mantenham os jovens jogadores matriculados em escolas públicas ou privadas, o acompanhamento do processo de escolarização difere de clube para clube. Muitos desses jovens chegam aos CTs com um histórico de abandono escolar ou com defasagem de aprendizagem, se for considerada a idade ideal de passagem pelos anos de escolarização básica. Para além dos problemas de investimento e de qualidade que enfrentamos na escola brasileira e do desinteresse pelos conteúdos com ausência de significado para o seu cotidiano, esses jovens atletas, em geral, enfrentam variados percalços no processo de escolarização que são específicos dos jovens trabalhadores: cansaço físico pelo excesso de treinamento; falta de tempo para o estudo e para assistir às aulas, em função das constantes viagens que realizam; falta de motivação pelo sucesso escolar; e interesse central no futebol, tornando a escola um objetivo secundário em suas vidas.

Conclusão

Os dados apresentados no texto indicam uma contradição. Se o mercado do futebol profissional é altamente competitivo, com uma longevidade curta quando a comparamos com outras profissões e com uma pirâmide salarial tão desigual, por que há então uma procura grande de jovens por esse nicho de atuação? Em outras palavras, se é tão arriscado e difícil atingir a profissionalização e os salários em geral são baixos, por que investir tempo e dinheiro no sonho de futebolista?

⁶ O nome utilizado pelo pesquisador é fictício.

⁷ Em valores aproximados, o valor seria de 200 reais no ano de 2007.

Como já indicamos, do ponto de vista da ação racional o destino da maioria dos jovens que tentam a carreira de jogador não seria diferente fora do futebol, se mal-sucedidos. A origem social dos postulantes à carreira de jogador, o insucesso escolar das camadas populares e a baixa escolarização dos seus pais determinam a sua permanência nos locais inferiores da estratificação social. O futebol pode, assim, ser um sonho e uma aposta individual e familiar que proporcione poucas perdas para aqueles que possuem poucas oportunidades de ascensão social e econômica. Além disso, é uma aposta que gera prestígio, sociabilidade e aventuras, normalmente, irrealizáveis do ponto de vista econômico para aqueles pertencentes às camadas populares no Brasil⁸.

A falta de cidadania social⁹ das camadas populares torna a produção de jogadores de futebol no Brasil uma empreitada bem-sucedida, como demonstram os dados de transferência para o exterior¹⁰. Tal sucesso se deve a uma “combinação original”: a) um grande contingente de jovens disponíveis; b) um forte trabalho de formação corporal; c) a valorização do estoicismo como parte do *ethos* da profissão; d) um tipo específico de albergamento; e) o descaso com a escola e uma configuração no mercado que incentiva a negociação desses jovens como prestadores de serviços especializados (DAMO, 2005); f) a mudança das regras nesse mercado com a extinção do passe – produto do caso Bosman e da Lei Pelé –; g) e a formação de um contingente de agentes, credenciados ou não pela FIFA.

⁸ Nos trabalhos de campo realizados até o momento temos relatos emocionados das viagens de avião, pagamentos em dólar, restaurantes sofisticados, contato com outras culturas, relacionamentos com muitas mulheres etc.

⁹ No sentido Hirschman (1992).

¹⁰ Cf. www.cbf.com.br.

Referências

- ALCANTARA, H. **A magia do futebol**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 dez 2006.
- BAENINGER, R. A. **O Brasil na rota das migrações internacionais recentes**. Jornal da Unicamp, Campinas: Unicamp, v. 226, 25 ago. 2003. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2003/ju226pg2b.html. Acesso em: 10 abr. 2005.
- BOURDIEU, P. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-65.
- COGO, D. **Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro**. Fronteiras Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 4, n. 2, p. 145-163, 2002.
- DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Porto Alegre, 434p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- FERNANDES, L. M. **Os empresários do futebol: paixão, sonho e negócios**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.
- FUSCO, W. **Conexão Origem-Destino: migrantes brasileiros no exterior**. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Caxambu, 2006. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_638.pdf Acesso em: Acesso em: 12 dez. 2006.
- HELAL, R. **Passes e impasses**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HIRSCHMAN, A. O. **A retórica da Intransigência: Perversidade, futilidade, ameaça**. São Paulo, Cia. das Letras. 1992.
- LEONCINI, M. P.; SILVA, M. T. da. **Entendendo o futebol como negócio: um estudo exploratório**. Gestão e produção, v. 12, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2005.
- MAGEE, J.; SUGDEN J. **“The World at their feet”: Professional Football and International Labor Migration**. Journal of Sport and Social Issues, 2002; 26, 421.

- MAGUIRE, J.; PEARTON, R. **The impact of elite labour migration on the identification, selection and development of European soccer players.** *Jornal of Sports Sciences*, 2000; 18:9, 759-769.
- PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em educação física. Universidade Gama Filho, 2007.
- PRONI, M. **A metamorfose do futebol.** Campinas: Editora Unicamp, 2000.
- RIAL, C. S. **Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém....** *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. LXI, p. 163-190, 2006.
- SCHWARTZMAN, S. **As causas da pobreza.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. **Programas sociais voltados à educação no Brasil.** *Sinais Sociais*, v. 1, p. 114-145, 2006.
- SEGNINI, L. R. P. **Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente.** *São Paulo Em Perspectiva – Educação, Cultura e Sociedade*, São Paulo, v. 14, p. 72-81, 2000.
- SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al . **Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros.** *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 Mar. 2009. doi: 10.1590/S0104-71832008000200004.